



Tribos das margens do Rio Omo, na África. Uma cultura milenar.

Fotos: Hans Sylvester (informações deste fotógrafo no final da apresentação)

Texto: Francisco Folco

Direitos das imagens autorizados ao Memorial Penha de França apenas para fins didáticos.

Referência: OFICINA DE FOTOGRAFIA – FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA – ALEMANHA- HANS SYLVESTER – RIO OMO



O Rio Omo, na África, atravessa a Etiópia, o Sudão e o Quênia.

Foi nas suas margens que os arqueólogos encontraram os “Homens de Kibish”, um ancestral de 120.000 anos.





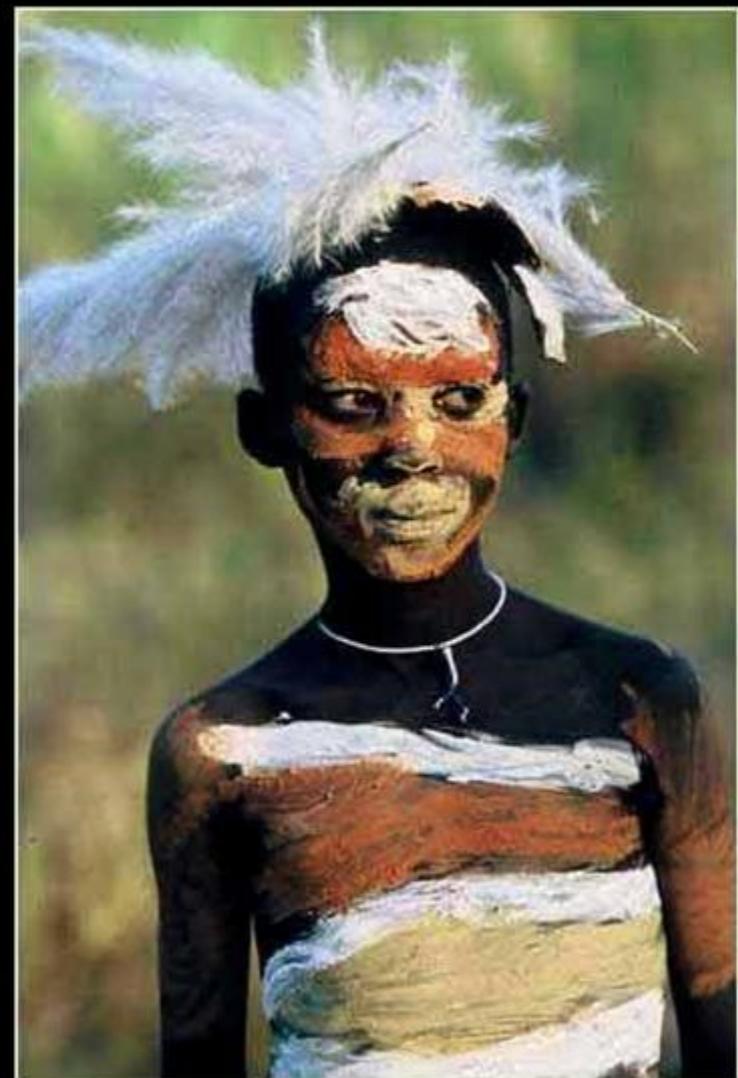
Nesta região ainda habitam algumas tribos que ainda estão na pré-história: Dassanech, Mursi, Hamar, Karo, Bume e Beshadar.





No vale do Rift, onde se encontra a grande fenda africana que separa geograficamente os negros dos árabes, é uma região vulcânica que fornece uma grande diversidade de pigmentos com uma grande variação de cores.





Com estes pigmentos, alguns raros, as tribos do Rio Omo praticam sua arte.



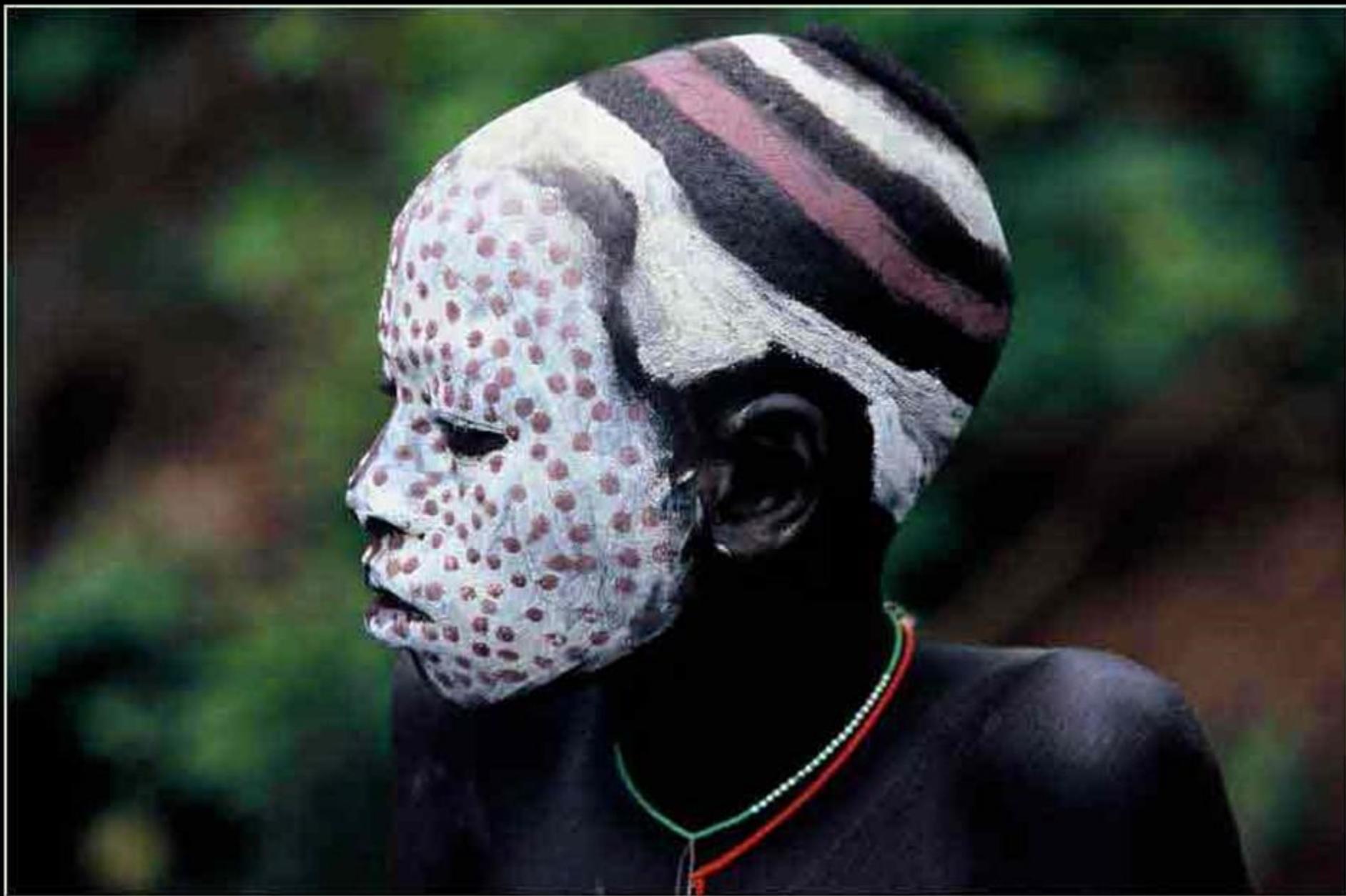


No conceito ocidental, são verdadeiros gênios da pintura, pois seus traços lembram muito a arte contemporânea de Picasso, Miró, Paul Klee e Tapies.





**Pintam seus corpos na
velocidade de um
“action paint”
de Jackson Pollock.**





**Em poucos minutos,
com uma rapidez impressionante,
decoram o peito, seios, pernas e pés.**





Não usam pincéis, apenas uma habilidade fantástica com a ponta dos dedos.





É uma arte ancestral praticada por todos da tribo: idosos, adultos, jovens e crianças.

O aprendizado se dá apenas na observação.

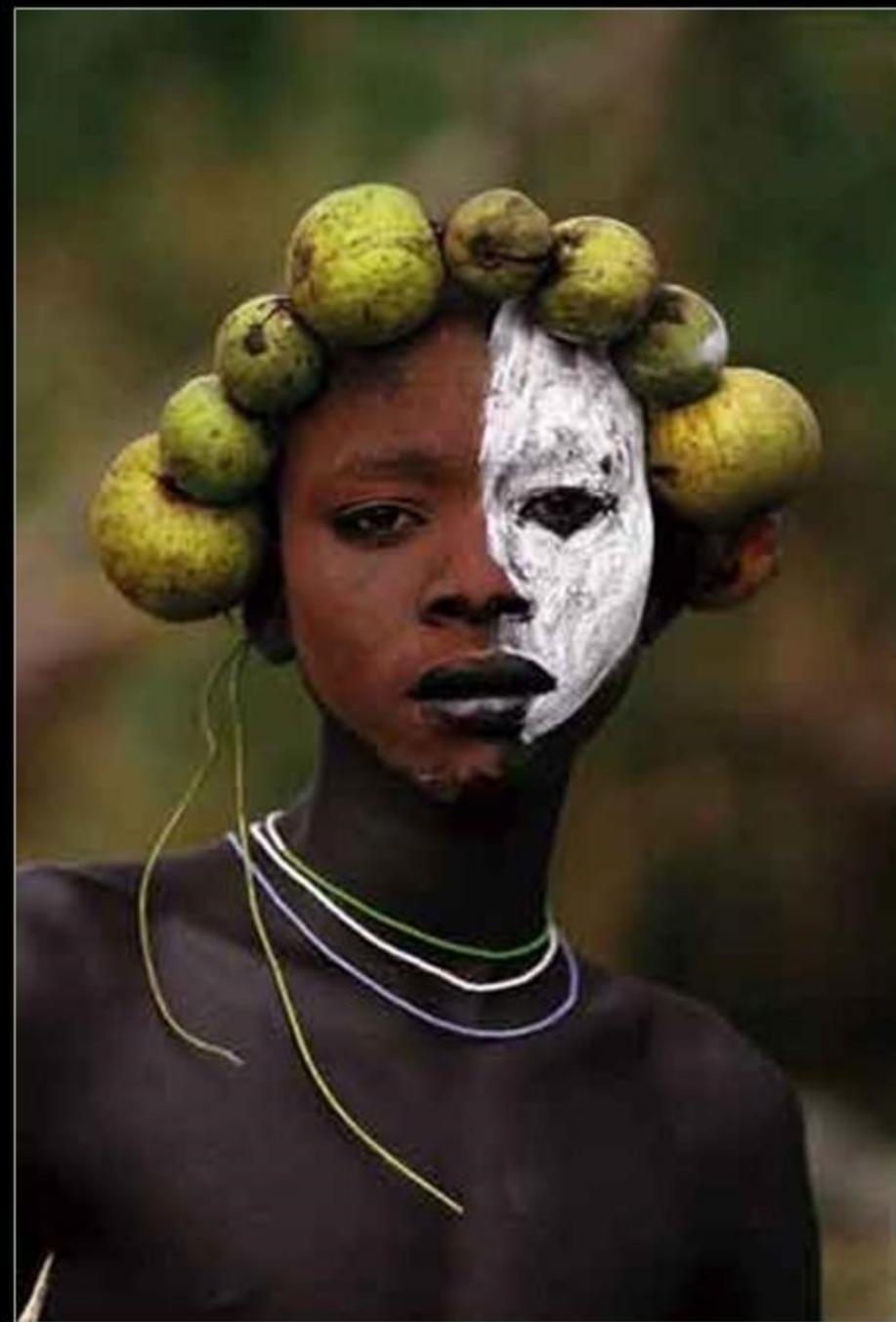






**Integram-se na natureza fazendo parte dela,
sendo como ela.**





**A arte é praticada por ela mesma.
Não há explicação.
Não há teoria.**





Por isso, é arte no mais alto grau de pureza.





São motivados apenas pelo desejo.

**O desejo de ser belo,
de seduzir,
de exteriorizar o prazer.**





O progresso precisa de energia elétrica.

Há um projeto de construção de uma barragem no Rio Omo para uma usina hidroelétrica que vai gerar energia para Adis Abeba, capital da Etiópia.

O governo daquele país não está dando qualquer importância sobre as consequências desta barragem para estas tribos.



O rio terá uma redução para um quinto do seu tamanho e vai acabar com as planícies alagadas que são essenciais para a agricultura tribal destes habitantes.

Esta cultura pura, intacta, deve estar com seus dias contados.

Um povo milenar pode se tornar miserável em questão de dias.

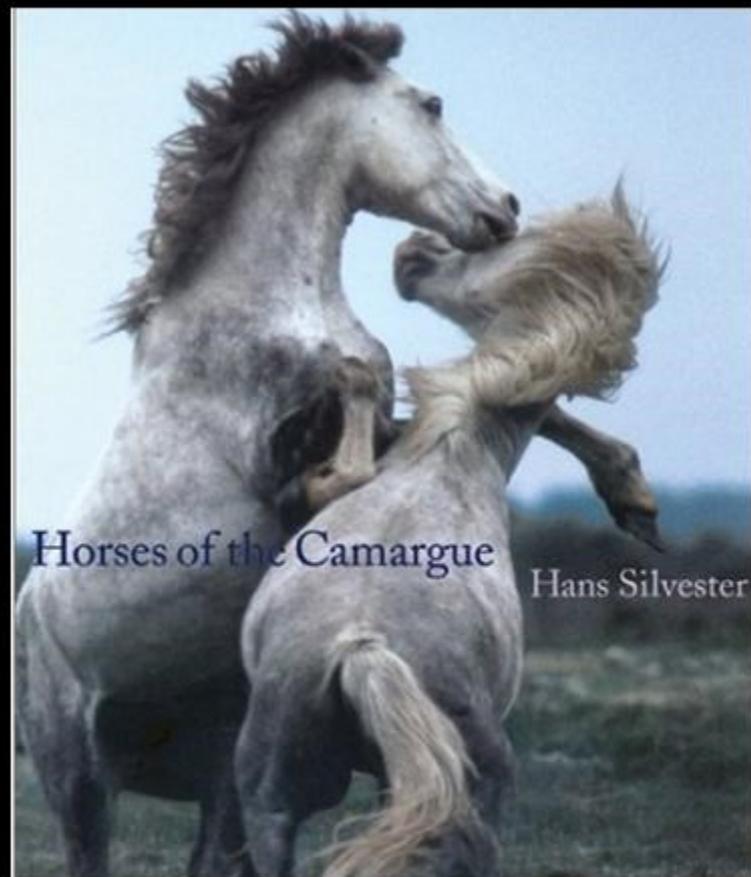
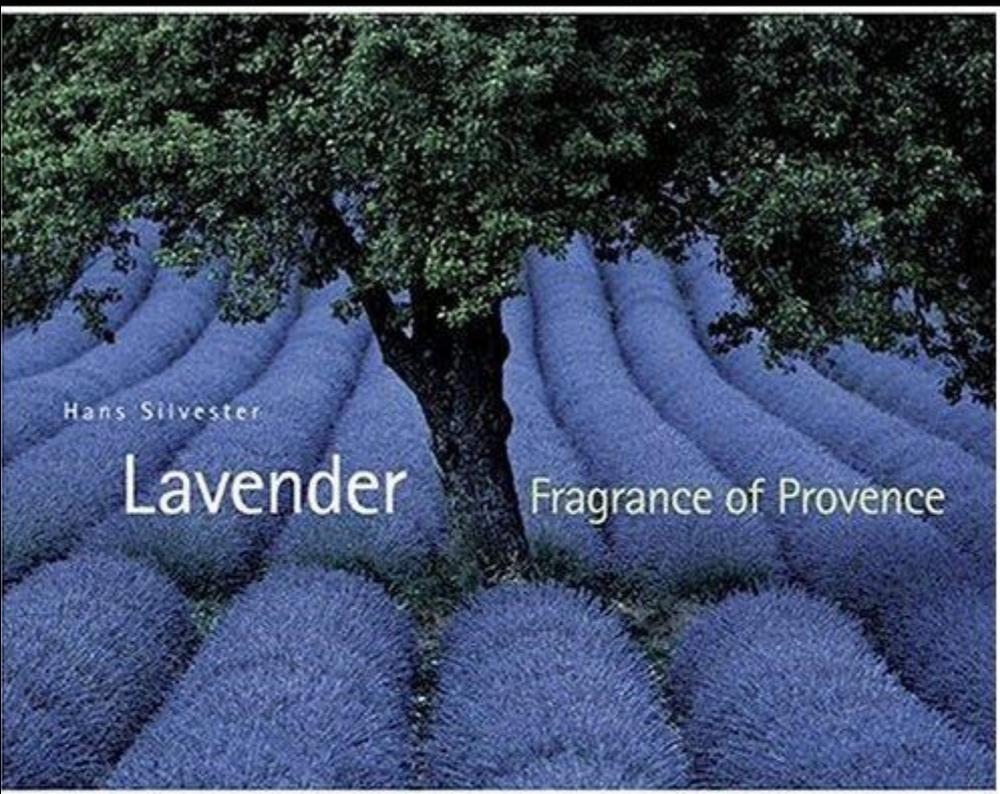


No futuro, talvez tenhamos apenas as fotografias de Hans Sylvester para mostrar esta riqueza artística para as gerações que virão.

“A nova geração da Etiópia terá bastante energia elétrica para apreciar tudo isto num computador”.



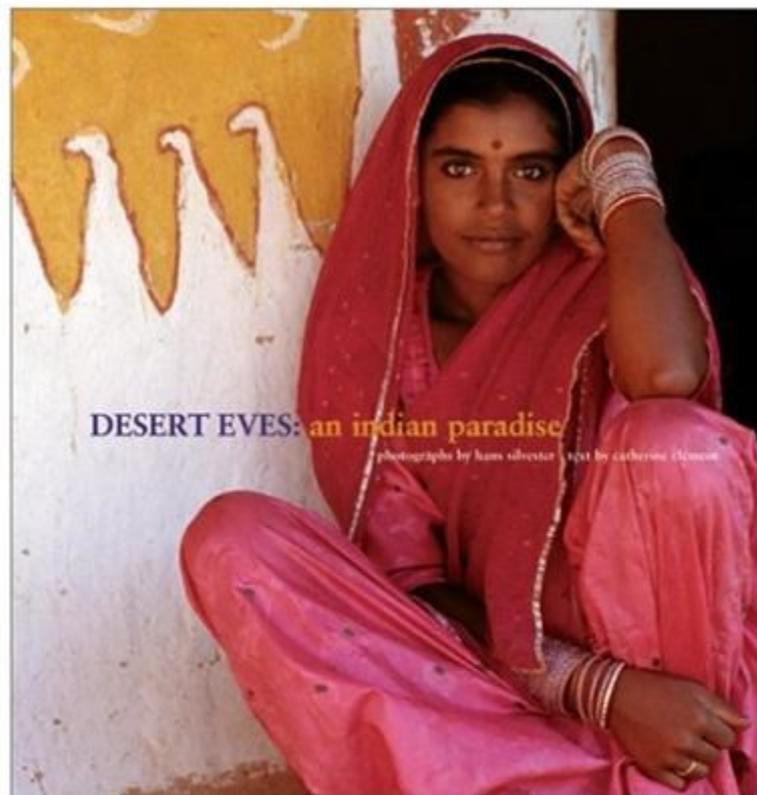
Hans Sylvester, o fotógrafo do livro.



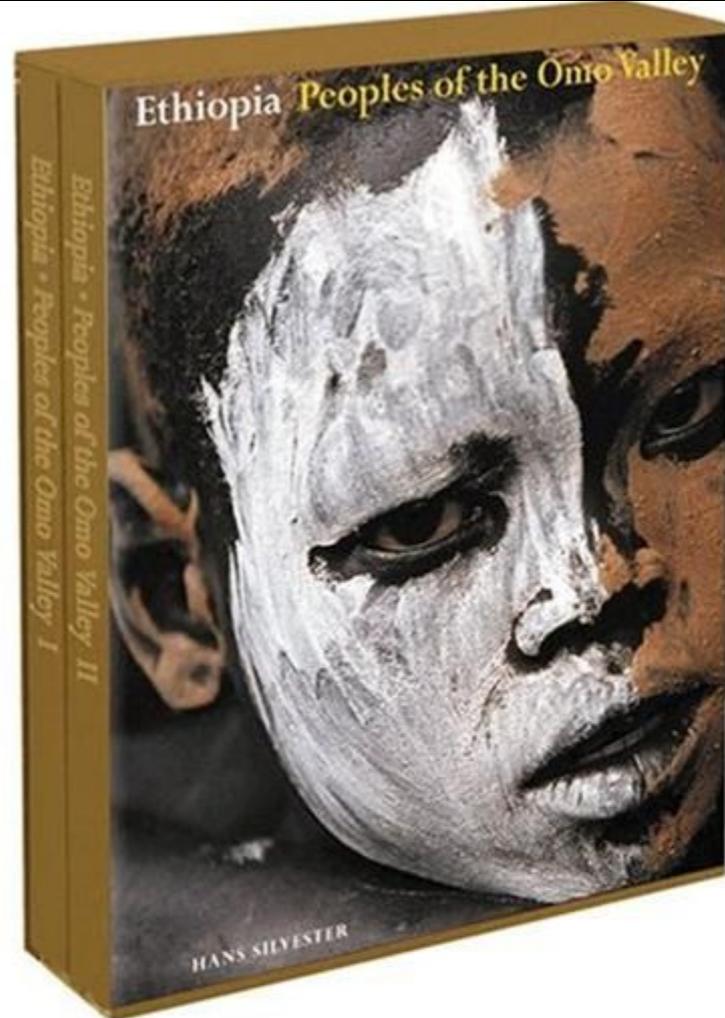
Hans Sylvester nasceu em 1938 na cidade de Lorrach, na Alemanha. É um fotógrafo que fez a opção do livro.

Longe das galerias comerciais, Hans Sylvester preferia que a sua obra fosse contemplada por uma quantidade maior de admiradores do seu trabalho.

Como resultado, recebeu uma medalha de bronze em 1975 na feira do Livro de Leipzig – Alemanha e a “Águia de Ouro” da Feira do Livro de 1976 em Nice, na França.



Sua fotografia foi exposta nos principais espaços culturais do planeta, como o Musée Royal d'Afrique, Tervuren - Belgica, Centre Méditerranéen d'Art, Toulon – França ou de arte como a Marlborough Gallery de Nova York, neste mês, Julho-2009.



As fotos desta apresentação inseridas no livro “Les Peuples de l’Omo”, ganhou o prêmio de “Livro do Ano de Fotografia” em Paris, 2006.